

„Nossa Esperança“- Uma profissão de fé em nosso tempo (6).

“Por um futuro da humanidade que seja digno de ser vivido” – este é o tema da última contribuição das Decisões do Sínodo, com o nome NOSSA ESPERANÇA, um documento do Sínodo da Igreja na Alemanha que se entende como “Profissão de fé em nosso tempo”, do ano de 1975. Neste meio tempo já se passaram 38 anos. O que significa UM FUTURO DIGNO DE SER VIVIDO, não somente para a Europa, mas, sim, para o mundo inteiro? Depois da crença no progresso que professa os dogmas SEMPRE MAIS E SEMPRE MELHOR e que não aceita restrições, em muitas cabeças se impôs a convicção de que a necessidade de colocar limites é inevitável. No documento sinodal se fala de quatro limites, a saber: limite da expansão, os limites da matéria bruta e do uso de energia, os limites do espaço habitacional e os limites da exploração do ambiente e da natureza. Já a Clube de Roma – um grupo de especialistas de 40 países da terra - falava há 41 anos DOS LIMITES DO CRESCIMENTO. O crescimento não é ilimitado.

Os limites do crescimento, da matéria bruta, vão levar, devem levar, a mudanças restritivas dos modelos de vida. E este processo de adaptação não estará livre de conflitos. Serão necessárias novas formas de auto-moderação e de “ascese coletiva”. De outra forma, um “futuro digno de ser vivido” não poderá ser alcançado. O documento sinodal fala de um “teste geral das reservas morais” e da disposição para assumirmos responsabilidade. Isto vale de modo especial para as sociedades super-desenvolvidas, mas também para as nações em desenvolvimento: Reservas morais e responsabilidade.

Albert Schweitzer (1875 a 1965) escreve no seu livro A DOUTRINA DA REVERENCIA DIANTE DA VIDA: “Eu sou vida que quer viver, no meio de uma vida que quer viver”. Todas as pessoas querem viver. Querem viver os povos que são desfavorecidos econômica e socialmente. Querem viver as gerações que nos seguirão: não podemos viver à custa delas. O direito de viver é um direito humano, o mais óbvio e o mais maltratado de todos. A exploração egoísta do futuro é expressão de um COLONIALISMO ECONÔMICO IRRESPONSÁVEL.

O cristão na Alemanha ou em outra parte não pode fechar os olhos diante desta realidade. Isto vale hoje, 38 anos depois, mais do que

naquele tempo. No seu livro MÍSTICA DOS OLHOS ABERTOS (Freiburg 2011), Johann Baptist Metz aponta para uma nova espiritualidade que encoraja para vivermos com olhos abertos para os outros. Olhos abertos quer dizer um coração aberto, um coração que não se deixa perturbar e que não tem medo. (Jo 14, 1) O medo é o estigma de nosso tempo: medo de guerra, medo de terror, de catástrofes naturais. Para piorar, hoje ainda advém o medo sutil de gerar vida. Crianças são o sinal de que a esperança no futuro ainda é viva. “Choro de crianças é música que anuncia o futuro”, assim se dizia há anos na Alemanha. E esta música soa bem, pois “toda criança acolhida como dom de Deus traz em sim um brilho de esperança para o povo e para a igreja”. O que se diz do começo da vida vale igualmente para o seu fim: “Ninguém deve morrer abandonado”, diz o documento sinodal. E para isto também precisamos da mística dos olhos abertos e da abertura do coração. Sim, precisamos da “solidariedade de todos para resistirmos a todas as formas de opressão que deformam a face humana”.

“Esta esperança não nasce do vento e não anda ao léu. Ela tem sua raiz em Cristo...Ele é a base de nossa esperança”. Esperança é mais do que “otimismo para viver”, é mais do que “tentar por ai”. “Ela nos deixa erguer a cabeça em meio a nossas experiências e lutas históricas. E com ela podemos encarar o messiânico Dia do Senhor”.

No fim desta parte lemos a palavra do Apocalipse de São João: “Vi, então, um novo céu e uma nova terra...e ouvi do trono uma grande voz que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus no meio dos homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Enxugará toda lágrima de seus olhos, e já não haverá morte, nem luto, nem grito, nem dor...Então, o que está sentado no trono disse: Eis que eu renovo todas as coisas”. (Apoc 21, 1. 3-5)

“Por um futuro da humanidade que seja digno de ser vivido,” eis o título do último capítulo. Diz Vaclav Havel, (1936 – 2011), primeiro presidente da República Checa: “Esperança não é a convicção de que algo vai dar certo. Esperança é a certeza de que algo tem sentido, seja qual for o seu resultado”.

Hadrian W. Koch OFM

Perspectivas franciscanas

Anton Rotzetter OFMCap



Contra o sexismo: Homem e mulher como irmãos e irmãs com direitos iguais num convívio solidário

As mulheres exigem paridade de direito e de fato com os homens, onde esta ainda não for alcançada. (9)

É um fato lamentável que aqueles direitos fundamentais da pessoa ainda não vigoram plenamente. Ainda tem os casos onde a mulher não tem o direito de escolher o marido, nem de atingir o mesmo nível social ou cultural do homem. Embora haja justas diferenças inerentes entre as pessoas, a paridade na dignidade pessoal exige que cheguemos a condições de vida que sejam humanas e justas. (29)

A unidade do matrimônio aprovada pelo Senhor se manifesta, se pelo amor mútuo e incondicional for reconhecida a mesma dignidade pessoal do homem e da mulher. (49)

A família é como uma escola de humanidade ricamente desenvolvida. Mas ela requer união cordial de almas, aconselhamento comum dos cônjuges e colaboração cuidadosa dos pais na educação dos filhos: só assim poderá cumprir plenamente sua vida e sua missão. A presença participativa do pai contribui muito na educação. Mas também o cuidado materno do lar é indispensável; e esta presença materna não diminui em nada o justo respaldo social da mulher. (52)

Já que as mulheres atuam em quase todas as áreas da vida, deveriam também ter o direito de assumir o papel que lhes é próprio. É dever de todos reconhecer e favorecer a participação genuína e necessária da mulher na vida cultural. (60) Gaudium e Spes.

Sem dúvida estes fragmentos textuais da Gaudium e Spes do Vaticano Segundo significam em muitos aspectos um avanço diante de vergonhosas declarações do tempo pré-conciliar: Homem e mulher têm a mesma dignidade de pessoa; a posição social da mulher em muitas áreas deve ser valorizada e não pode ser restringida. Apesar disto, estas frases se caracterizam por certa hesitação: “o papel que lhe é próprio”, “a justa elevação social”. É de supor que atrás desta hesitação estão conceitos ideológicos formados por homens que impedem a igreja oficial até hoje de reconhecer a mulher também na igreja como parceira igualitária do homem.

João XXIII, já em 1963 havia reconhecido o movimento feminino como “sinal dos tempos”. Será que em tais “sinais” a Igreja não deveria reconhecer a face de Cristo? Não parece que o Concílio e a subsequente Igreja oficial tenha lido e entendido este sinal numa atitude contemplativa. Se bem que teve algumas declarações de teólogos ou bispos, mas estas não tiveram influência no núcleo central da igreja. Além disto teve uma declaração da pontifícia comissão bíblica, que dizia com 12 votos contra 5 que o sacerdócio da mulher em nada contradiz à intenção fundamental de Cristo. O Jesuíta e Exegeta David Stanley, presente nestes estudos, diz claramente: “A Congregação da Fé construiu seus próprios argumentos bíblicos que não têm nada a ver com que nós concluímos” (1). Se então o Papa finaliza a discussão e até proíbe a continuação do debate, só resta consternação. E se ainda no começo de 2013, na véspera do Conclave, círculos conservadores argumentam que pela decisão papal a questão está definida, a gente só pode duvidar da racionalidade teológica destas pessoas.

É claro que São Francisco não se posicionou diretamente nesta questão. Mas podemos tirar algumas conclusões que nos tiram do beco sem saída no qual fomos induzidos por

uma teologia oficial não iluminada. Para São Francisco de Assis é fora de dúvida que homem e mulher se tratam como irmão e irmã. No seu Cântico do Sol, ele põe a criação inteira na base de relações de irmandade e de gênero. A mútua relação entre o masculino e feminino é constitutiva para a criação. Homem e mulher são o que são diante de Deus somente quando vivem sua humanidade num convívio de irmão e irmã. Mas é claro que ele está naquela tradição que teve um fim somente pela descoberta da ovulação e de seu significado, no ano de 1842, pelo fisiólogo Theodor von Bischoff. Até então o homem é o parceiro ativo, enquanto a mulher, a parceira passiva. A luz ativa do sol (masculino) é espelhada pela lua (feminina); a água (feminina) acolhe o vento (masculino) por suaves ondas crispadas ou por vagas tempestivas; a terra (feminina) tem que passar pelo fogo (masculino) para ter sustento; a morte (feminina) é vencida pelo amor (masculino). Nesta base biológica é claro que somente o homem pode representar Cristo, ou melhor, Deus. Estas atribuições perigosas em suas consequências foram superadas definitivamente pela descoberta da contribuição ativa feminina na origem da vida humana. Aonde leva um tal pensamento ficou manifesto no processo eclesial em Milão contra Mayfreda e seu séquito que tinham Wilhelmina, irmã de Inés de Praga, como “encarnação de Deus na carne da mulher”(2). A encarnação na fixação masculina conduz a conclusões teológicas insanas tanto do lado dos homens como do lado das mulheres. Aliás é interessante a opinião ultrapassada de Theodor von Bischoff: “A ocupação com o estudo e com o ofício do médico é incompatível com os melhores e mais nobres lados da natureza feminina, a saber: a decência, o pudor, a compaixão e a misericórdia, pela qual a mulher supera o homem (3). As declarações discriminatórias do Vaticano, em alguns anos se mostrarão tão ridículas como as citadas palavras.

São Francisco ainda nos dá outra pista. Na sua primeira admoestação ele vê o ofício do padre como espelho de Maria. Assim como esta acolhe “no seu seio” a imagem terrestre de Deus (Jesus), do mesmo modo o padre acolhe “em suas mãos” a presença de Cristo que se prende ao pão e ao vinho, “para distribuí-la aos outros”. A figura modelo do sacerdote, portanto, é Maria, a Mãe de Deus. O sacerdote não deve ser comparado com Cristo. Nesta base, a nova reflexão sobre o conceito do ofício poderia levar a outros resultados, uma vez que São Francisco escreve em outro lugar que homens e mulheres são mães de Deus: “Somos mães, se com amor e com consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e nosso seio e o damos à luz por obras santas que sirvam de luminoso exemplo aos outros. (cf. Mat 5, 16) Como é honroso e santo ter no céu um Pai! Como é santo, consolador e deleitável ter no céu um esposo! Como é santo e como é querido, agradável, aprazível, humilde, tranquilizador, doce, amável e sobre todas as coisas desejável ter um tal irmão que entregou sua vida por suas ovelhas (Jo 10, 15)” Carta aos fieis: 53 - 56

Nesta base, a relação eclesial entre homem e mulher se deixa definir de outro modo. Uma discriminação pelo sexo na igreja, não é possível nem pela teologia nem é admissível na prática.

(1) F.Nikolasch, Priestertum der Frau, in: SaThZ 6 (2002) 209-234

(2) Luisa Muraro, Wilhelmina und Mayfreda, Freiburg i. Br, 1987; diess., Der Gott der Frauen, Berlin 2009

(3) [http://de.wikipedia.org/wiki/Theodor Bischoff](http://de.wikipedia.org/wiki/Theodor_Bischoff)

Seguimento na luz da amizade.

Nos primórdios de São Damiano, quando São Francisco ainda é o responsável, Santa Clara o pede para escrever a Regra das Irmãs: que o irmão diga com poucas palavras qual é a missão das irmãs. São Francisco é poeta, e por isso a forma de vida é genial, com densidade poética. Enquanto a Regra das Irmãs de Hugolino por 15 capítulos acumula preceitos, o Poverello diz tudo em uma só frase. Enquanto o cardeal se inclina em cuidados paternos sobre suas filhas carentes, o irmão promete às suas irmãs amável carinho e apoio. Enquanto o prelado instrui mulheres sem experiência, Francisco descreve a livre opção de discípulas de Cristo. O seu “eu” desaparece completamente atrás do “vos” e do único Senhor que determina a vida desta comunidade.



“Inspiradas por Deus
 Vos fizestes filhas e servidoras do Pai celeste
 E do Rei Altíssimo
 E vos desposastes ao Espírito Santo
 Para viver o Evangelho como os Apóstolos
 Que deixaram tudo para seguir Jesus.
 Por isto vos prometo por mim e pelos irmãos
 Tratar-vos sempre com cuidado particular
 E amar-vos como a meus irmãos”.
 Regra de Santa Clara 6, 3-4
 Esta fórmula abreviada de sua forma de vida,
 Santa Clara sempre preservou sem vacilar e no
 fim a inscreveu
 no coração de sua própria Regra.

(Extraído dos Impulsos de Santa Clara 2911/12 de NiKlaus Kuster OFM CAP. A imagem é de Ulrich Viereck).

Asia – Oceania

Filipinas

Manila - Seminário do CCFM para Religiosos.

Convocados pelo Slogan **Reencontro com nosso carisma franciscano-missionário no Ano da Fé** reuniram-se no mês de abril perto da capital Manila religiosos (as) franciscanos (nas) . Os (as) 15 participantes do programa de 4 dias (2-5 de abril de 2013) presentes no salão do Colégio São José em Quezon-City eram da OFS, SFIC, MNDA e FAZ. A equipe nacional do CCFM, com sua presidente Maria Renita (Joy), esteve à frente do encontro.



Neste seminário foram tratadas nove cartas da CCFM: Cristianismo como religião de encarnação. - Os seguidores de Francisco e Clara, uma família. – Fundamento bíblico-profético da Missão Franciscana. – Missão Franciscana conforme as fontes modernas. – Formação no Espírito Franciscano. – Origem da Missão no Mistério da Santíssima Trindade. – Desafios do Mundo Secular. – Anúncio da Boa Nova. – Respondendo à ordem de Deus: Plano de ação.

Fizeram a assessoria Christopher Tibong FM, Cristino Pine OFM, Sr. Josephine Mata FAS, Cielito Almazan OFM, Maria Renita (Joy) Fabic, Sr. Jeanne Luyun SFIC, e Fe dela Rosa OFS. Ajudaram também na elaboração de planos de ação para cada Congregação.

Um ponto brilhante foi a festa de Bodas de Prata de cinco membros da OFS que não hesitaram em enfrentar a longa viagem do extremo norte de Luzon, para participarem deste seminário e renovarem seus conhecimentos da CCFM.

As participantes que aprofundaram seu engajamento no carisma franciscano missionário e apreciaram esta experiência querem abrir futuros seminários para mais outras congregações franciscanas, com datas que sejam favoráveis a todos.



Europa

Inglaterra

Releitura do seminário da CCFM em Malaysia, outubro de 2012, com assessoria de Sr. Jenny Tee CSF.



87 Franciscanos se encontraram no aprazível Sabah em Malaysia. As Franciscanas da Imaculada Conceição (SFIC) foram as generosas hospedeiras e ofereceram o espaço para uma semana de aprendizado comum, reflexões partilhadas, celebrações, mútuo conhecimento, troca de experiência e alegria franciscana.

Para mim foi o primeiro contato com o CCFM que me proporcionou um conhecimento abrangente e profundo do carisma franciscano-missionário. Foi-me dada um conjunto das cartas do CCFM. Esperamos que possamos aproveitá-las aqui o Reino Unido, principalmente em programas de formação. Apreciei muito o caráter internacional do seminário e o acento no contexto local do programa. A

apresentação de experiências do próprio meio foi muito animadora.

Sendo uma das quatro Franciscanas Anglicanas, achei um privilégio o contato com irmãs e irmãos de tantos ramos da Família Franciscana. O engajamento mundial em nome de Francisco e Clara será sempre fonte rica de inspiração para nós.

